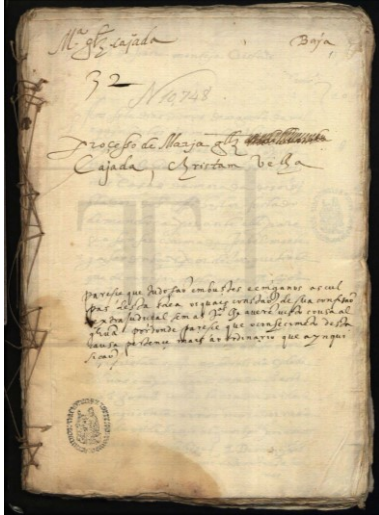


II A formação da cultura manuscrita na Europa ocidental

Para pensar...



Processo de Maria Gonçalves Cajada, fl. 1r. Tribunal do Santo Ofício, Inquisição de Lisboa, 1591-1593. Arquivo Nacional da Torre do Tombo

Marja

Marja

Cajada

Cajada

Proçesso

Proçesso

pareçe

Pareçe

Christam

christam

constaõ

constaõ

confisaõ

confisaõ

Pontos do programa tratados neste tópico

III. A Crítica Textual

1. Teoria e prática das transmissões do texto: 1.1 A Tradição Manuscrita

II. Os Documentos e a cultura de sua época

1. Da cultura escrita latina até os primeiros documentos em português.

Bibliografia

CASTRO, Ivo. Introdução à História do Português. Lisboa: Edições Colibri, 2004. 2a ed, 2006. [Capítulo II: Origens do português no quadro românico.]

ILARI, Rodolfo. *Lingüística Românica*. São Paulo: Ática, 1992. Capítulos 3, 4 e 5 (pp41:71).

TEYSSIER, Paul. História da Língua Portuguesa. Lisboa: Sá da Costa, 1997. [Capítulo 1: Do latim aos primeiros textos do galego-português.]

ELIOT, Simon ; Rose, Jonathan (Eds.). *A Companion to the history of the book*. Oxford : Balckwell, 2007.

HIGOUNET, Charles. História concisa da escrita. São Paulo: Parábola, 2003. [Capítulo IV A escrita latina até o século VIII] & [Capítulo V A escrita medieval]

MAURER Jr, Teodoro. *A Unidade da România Ocidental*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo, 1952.

SAENGER, Paul. La lectura en los últimos siglos de la Edad Media. In R. Chartier e G. Cavallo, *Historia de la lectura en el mundo occidental*. Madrid : Santillana, 2004.

SILVA NETO, Serafim. *História do Latim Vulgar*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1977.

1. ‘Romania’



MAPA: Domínios romanos em 300dc. Fonte: Projeto Euratlas, “Digital Cartography, Historical GIS Maps and Antique Maps of Europe”, <http://www.euratlas.net/history/europe/300/index.html>

Rodolfo Ilari (Ilari, 1992:50):

“(…) o Império sobreviveu como um ideal de ordem política durante toda a Idade Média; a unidade lingüística e cultural dos territórios romanizados não impressionou menos os antigos, romanos ou bárbaros. Para denominar esta unidade lingüística e cultural, emprega-se o termo **Romania** [séc. V]”.

“**Romania** deriva de **romanus**, e este foi o termo a que naturalmente recorreram os povos latinizados, para distinguir-se das culturas barbáricas circunstantes: assim, os habitantes da Dácia, isolados entre os povos eslavos, autodenominaram-se **romîni**, e os réticos se autodenominaram **romauntsch**, para distinguir-se dos povos germânicos que os haviam empurrado contra a vertente norte dos Alpes suíços”.

“Sobre **romanus** formou-se o advérbio **romanica**, 'à maneira romana', 'segundo o costume romano', e a expressão **romanice loqui** se fixou para indicar as falas vulgares de origem latina, em oposição a **barbarice loqui**, que indicava as línguas não românicas dos bárbaros, e a **latine loqui**, que se aplicava ao latim culto da escola. Do advérbio **romanice**, derivou o substantivo **romance**, que na origem se aplicava a qualquer composição escrita em uma das línguas vulgares”.

- A Unidade lingüística da România Ocidental
- O *Latim Vulgar*
- A Importância do latim escrito na formação das línguas românicas ocidentais

Os Domínios Romanos: Unidade, Diversidade

Fatores para a manutenção do Latim na porção centro-ocidental do antigo império:

- 1) O Latim como Língua de Cultura
- 2) O Cristianismo como fator de união cultural
- 3) Os “Estados Bárbaros”: “Reinos Romanos”

Teodoro Maurer Jr. (A Unidade da România Ocidental, 1952:9-10):

"[A] notável semelhança das línguas românicas do Ocidente - desde Portugal até a Itália - não se deve apenas à sua origem comum no latim vulgar do Império Romano, como tantas vezes se parece acreditar, mas é o resultado de uma unidade contínua de contacto ininterrupto entre todas as línguas da família, de modo que muitas inovações posteriores à destruição do Império pela invasão dos bárbaros se disseminaram por toda a România Ocidental, enriquecendo o seu léxico e alterando a cultura e, às vezes, a própria morfologia das línguas que a contituem"

"A unidade da România Ocidental é uma ilustração magnífica da importância dos fatores sociais na formação das línguas"

Fatores para a “des-latinização” do restante do Império

Razões da não-manutenção do Latim em porções do antigo Império (cf. Ilari, 1992):

- 1). Romanização Superficial (Germânia, Britânia, Caledônia)
- 2) Superioridade Cultural dos Vencidos (Grécia, Mediterrâneo Oriental)
- 3) Superposição Maciça de Populações não-Românicas (África, Península Ibérica)

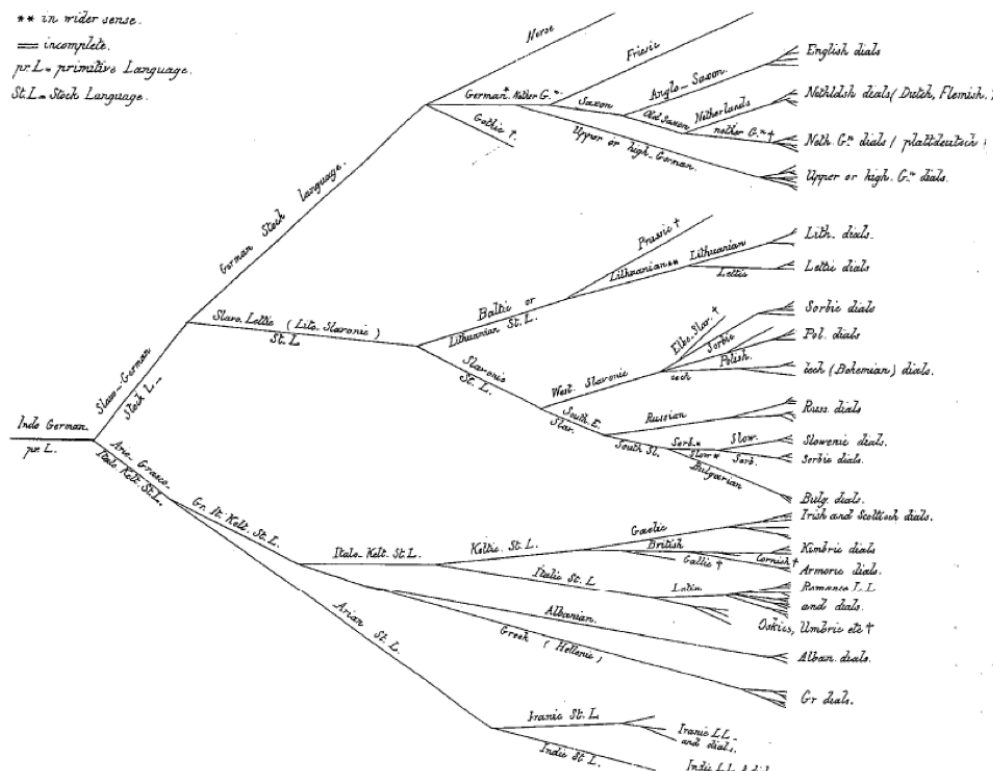
Dos “Romances” às “Línguas Românicas”

Ivo Castro (2006:54):

"Falar latim era latine ou romane loqui no latim clássico, mas no fim do Império apareceram as expressões romanice parabolare e romanice fabulare, 'falar à moda de Roma, nem exactamente em latim nem em língua de bárbaros'. Isso corresponde à situação de transição que se viveu na Europa Ocidental no período que media entre o Império e os estados medievais. **Quando estes se constituíram e adquiriram nomes próprios, a designação geral de România foi perdendo parte da sua razão de ser**".



Proto-Romance							
Romance Ocidental						Romance Oriental	
Romance Ibérico			Galo-romance		Ítalo-dalmácio		Romance Báltica
Occidental		Norte				Romeno	
Galego	Português	Castelhano	Catalão	Ocitano	Francês	Reto-romance	Sardo
						Italiano	Dalmácio



As cronologias e a questão do “Latim Vulgar”

- Modalidade do Latim (Sócio-dialetal)?
- Estágio Histórico do Latim ?
- Reconstrução de etapa intermediária entre Latim-Romance ?

“...a grande diferença entre as duas variedades do latim não é cronológica (o latim vulgar não sucede ao latim clássico), nem ligada à escrita, senão social. As duas variedades refletem duas culturas que conviveram em Roma: de um lado uma sociedade fechada, conservadora e aristocrática, cujo primeiro núcleo seria constituído pelo patriciado; de outro, uma classe social aberta a todas as influências, sempre acrescida de elementos alienígenas, a partir do primitivo núcleo da plebe”. (Ilari, 1992:61)

Cronologias...

(i. A partir de Maurer Jr).

<i>até anos 400</i>	<i>anos 400 a 1400</i>	<i>depois dos anos 1400</i>
	romance oriental	
latim vulgar		
latim clássico.....		
	latim medieval.....	
	romances ocidentais	línguas românicas ocidentais

(ii. Adaptação do Quadro em Ilari, 1992:64 [])*

<i>latim arcaico</i> 500 ac-200ac		
<i>culto</i>		<i>popular</i>
<i>escrito</i>	<i>falado</i>	<i>falado</i>
<i>latim clássico</i> até sec 5 dc	<i>sermo urbanus</i> até sec 7 dc	<i>“latim popular falado”</i> até sec 7 dc
<i>latim medieval</i> até sec 16 dc		<i>proto-romance</i> desde sec 7 dc
		<i>línguas românicas</i> até sec 15 dc

2. Contexto inicial da formação de uma tradição manuscrita portuguesa

2.1 A escrita e a leitura na Europa medieval – elementos



Clanchy, *Parchment and Paper: Manuscript Culture 1100–1500* [In Eliot & Rose, 194] [*]:

“Manuscript culture persisted in its essentials across the whole medieval millennium from 500 to 1500: the use of parchment, the privileging of the clergy, the use of the Latin language and of Latin alphabetical script (even for writing vernacular languages), the practice of illumination, the form of the codex itself – all these features persisted, though in varied forms”.

Brown, *The Triumph of the Codex: The Manuscript Book before 1100* [In Eliot & Rose, 179-180] [*]:

“The codex assumed respectability along with Christianity during the fourth century, when it became the state religion of the Roman empire. Books were no longer a cheap alternative favored by a persecuted underclass, but honored receptacles of sacred text within a powerful established religion. Leaves of wood were too cumbersome for lengthy texts and folded sheets of papyrus cracked, so techniques of book production developed featuring the use of parchment (sheep or goatskin) and vellum (calfskin). Emperor

Constantine (who began to promote Christianity from 313) ordered Bibles for his foundations, for prestigious churches needed prestigious books – the chosen vehicle for Christian Scripture, as the scroll was for the Judaic Torah. Codex Sinaiticus (BL Add. MS 43725), the earliest extant full Bible, probably made in fourth-century Caesarea, features a four-column page layout resembling a section of unfurled scroll, indicating technological adaptation, but this soon gave way to a one- or two-column page (de Hamel 2001; Brown 2006b)”

“In the sixth century, the flexible quill (penna) replaced the reed pen (calamus), completing the technological revolution. The codex has remained the primary means of publication ever since. The scroll endured for storing cumulative data, such as financial records, and display contexts, such as genealogical and heraldic rolls and Italian eleventh-century Exultet Rolls, which were unfurled over the lectern during the dedication of the Paschal Candle (their images upside down, so that they could be “read” by the congregation). The text no longer ran horizontally along the roll, but vertically, like the scrolling computer screen.

“The Roman system of scripts had consisted of capitals, uncials, half-uncials, cursive half-uncials/quarter-uncials, and cursive minuscules. “Upper case” letters occupying the space between two lines, such as “D” and “Q,” are considered “majuscule,” and “lower case” letters with ascending and descending strokes, such as “d” and “q,” “minuscule.” These, and other paleographical and codicological practices, were adapted or replaced by a plethora of local variations favored by individual monastic scriptoria or monastic federations, and by the chanceries established by the papacy, the Byzantine Exarch of Ravenna, and the Merovingian dynasty of Gaul”.

“Book production continued in the Middle East and North Africa, with distinctive codicological practices and styles of script and illumination developing in Caesarea, Armenia, Georgia, Syria, Coptic Egypt, Nubia, and Ethiopia (Badawry 1978; Nersessian 2001; Brown 2006b). The bibliographical traditions of their churches, and of Hebrew scribes, who eschewed figural representation in their Scriptures, continued despite the Islamic conquest of the “fertile crescent” of the eastern and southern Mediterranean from the seventh century onward (Avrin 1991; Déroche and Richard 1997). Islamic book production did not really get underway until the ninth century, avoiding “idolatrous” figural imagery and evolving sacred calligraphy to glorify the Word. Scholars such as Avicenna (d. 1037) and Averroës (d. 1198) did much to preserve and extend classical learning, including the works of Aristotle which were lost to the early medieval West and reintroduced through contact with Islam

during the Crusades”.

“In the West, public literacy contracted; book production was no longer undertaken by secular scribes and publishers but was perpetuated by the Church. (...)”

“Visigothic Spain fostered early Christian scholarship through the writings of scholars such as Isidore of Seville (whose works included encyclopedic classification of subjects such as natural history, building on Pliny’s work), and poetry could help promote resistance to invasion: Orosius’ *History Against the Pagans* and Prudentius’ *Psychomachia* (an allegorical battle between the virtues and vices). Visigothic scribes developed a distinctive minuscule script, which survived into the twelfth century, signaling Independence from Carolingian authority and the perpetuation of Christian identity under Islamic rule (Brown 1990: 32–3, 46–7; Walker 1998). In the 780s, Beatus of Liebana composed his influential commentary upon the Apocalypse, and the raw energy and Picasso-esque images in its tenth- to twelfth-century copies made in scriptoria such as San Salvador de Tavara and Silos, speak eloquently of Mozarabic culture”.

Briggs, *Literacy, reading, and writing in the medieval West* [2000] [*]:

The terms ‘literacy’, ‘reading’, and ‘writing’ are in some senses distinct. Literacy is not simply the ability to read, though it is partly that. It is a complex cultural phenomenon with powerful ideological implications, which vary depending on the time, place, and milieu one is looking at. So, for example, literacy amongst the early Christians is not exactly the same thing as the literacy of the late medieval universities. Thus if literacy is, on the one hand, an individual skill, it is also an historically contextualized mentality. Moreover, in any given society, the kinds of literacy acquired by different individuals vary greatly, from the non-reading peasant who witnesses a charter, to the merchant who keeps his account books and the noblewoman who reads for edification and pleasure, to the university theology master. And any discussion of literacy must take into account the oral mode of communication which it complemented, substituted for, and often competed with. The history of reading, while closely linked with that of literacy, tends to focus, not surprisingly, on the act of reading itself. But while historians of reading pay a great deal of attention to the how and the what of reading, they also look at the why”.

P. Saenger, *La lectura en los últimos siglos de la Edad Media* [215-216] [*]:

En *De tribus maximis circumstantiis gestorum*, Hugo aconsejaba a los alumnos que mirasen atentamente el libro y que recordasen sus colores y la forma de las letras como claves para identificar la colocación en la página de determinadas partes del texto. Para Hugo, la interacción Visual entre lector y libro era parte integrante del estudio; en el *Didascalicon*, Hugo propone expresamente tres modalidades de lectura: leer para otra persona, escuchar la lectura de otra persona y leer en silencio (*inspicere*). El empleo del verbo *inspicere*, con sus connotaciones visuales, aplicado a la lectura, nos retrotrae al uso que hacía Anselmo de ese mismo término y también al uso —primero insular y posteriormente continental (siglo XI)— del verbo *Videre* como sinónimo de “leer”. Según Hugo, el lector aprendía a dominar primero la construcción gramatical (facilitada por el agrupamiento en la página de las palabras relacionadas entre sí), luego el sentido literal y finalmente el significado más profundo, prescindiendo por completo de la expresión oral y de la correcta acentuación. La reestructuración del lenguaje escrito llevada a cabo en el siglo XI facilitó precisamente el desarrollo de estos procesos básicamente visuales. Hugo describió los signos, o *notae*, de los gramáticos antiguos, incluida la puntuación, como símbolos habitualmente presentes en los libros, donde debían ser introducidos por el copista para ayudar al lector a comprender el texto. Antiguamente era el lector, más bien que el copista, quien introducía signos para facilitar el análisis gramatical. El hecho de que Hugo diera por sentado que la preparación del texto para el lector era responsabilidad del copista ejemplifica el cambio de mentalidad que se había producido durante el siglo anterior. Hugo incluyó en su *De grammatica* un extenso glosario de los signos diacríticos, siendo el primer gramático medieval que incluyó las llamadas entre los signos que los copistas debían proporcionar al lector”.